

Pontos de Fuga: Registros do Processo de Alargamento do Formato das Tiras¹



Prof. Dr. Paulo Ramos
Universidade Federal de
São Paulo (UNIFESP)

Resumo: Este artigo procura demonstrar a relevância do formato na constituição das tiras e de como tais dimensões têm sido revisadas nos últimos anos no Brasil. Entendemos que ocorra nas últimas décadas um comportamento semelhante ao presenciado há um século pelos pioneiros das histórias os quadrinhos nos Estados Unidos. Como consequência, traz a necessidade de uma reavaliação da definição de tira.

Palavras-chave: Tiras; história em quadrinhos; formato; suporte; gênero.

Abstract: This article shows the relevance of the comic strips' constitution and ways that these dimensions were revisited in the last years in Brazil. We defend that occurs the same process seen a century ago in United States with the first comics experiences. As result, there's the necessity to redefine what is a comic strip.

Key Words: Comic strips; comics; support; shape; genre.

Há uma definição mais "segmento ou fragmento de ou menos corriqueira do que história em quadrinhos, seja uma tira. Ela é geralmente com três ou quatro quadros, e apresentado pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2002): em jornais ou revistas numa só faixa horizontal".

¹ Uma primeira reflexão sobre este foi feita no NP de Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2009. Este artigo retoma, amplia e atualiza a discussão.

Outras fontes, teóricas ou não, tendem a caminhar na mesma linha. Costa nos dá um registro disso em seu *Dicionário de gêneros textuais*:

Circula em jornais ou revistas, numa só faixa horizontal de mais ou menos 14 cm x 4 cm, em geral na seção "Quadrinhos" do caderno de diversões, amenidades ou também conhecido como recreativo, onde se podem encontrar Cruzadas, Horóscopo, HQs, etc. (COSTA, 2009, p. 191-192).

Há uma tendência, pelo que se percebe, de que o formato em uma faixa horizontal seja um fator relevante para que a tira seja entendida como tal. O formato interfere também na maneira como ela é produzida e recebida por quem a lê. Os salões de humor brasileiros, que costumam manter uma categoria só para tiras, são um reflexo disso. A definição de "tiras" orienta não só o desenhista que pretende inscrever um trabalho no processo seletivo, mas também o júri que irá fazer a triagem do material e a consequente escolha da(s) história(s) vencedora(s).

Tomemos como exemplo o regulamento do 35º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, um dos mais conhecidos do país. Nas regras, constava o que os organizadores entendiam

por "tira": "arte gráfica em sequência, com enredo que se fecha em um formato padrão, usualmente publicado em colunas de jornal" (REGULAMENTO, 2014). Os jornais, ao menos os brasileiros e parâmetro para a regra do concurso de humor, publicam a grande maioria de suas tiras num tamanho relativamente fixo. As dimensões são 15 cm por 4 cm na *Folha de S.Paulo* e em *O Globo*, 14 cm por 4 cm no *Estado de S.Paulo*, para ficar entre os periódicos de maior repercussão do país.

Não estava escrito no regulamento, mas pode-se inferir que o tom das histórias seja humorístico, dado que o salão se ancora nessa temática. A expectativa é que fossem inscritas, então, produções do gênero tira cômica. Esta tende a ser um texto tendencialmente curto, com personagens fixos ou não, que apresenta um desfecho inesperado, tal qual uma piada, como pudemos demonstrar em outros momentos (RAMOS, 2011, 2012).

Seguindo à risca a definição lida nas regras do salão de humor, como se justificaria, então, o caso do primeiro colocado na categoria tiras, reproduzido a seguir.

A tira de Walmir Américo Orlandeli apresenta um formato maior que o tradicionalmente lido diariamente nos jornais brasileiros. A narrativa é composta por

uma altura equivalente à de duas tiras. Os demais 24 trabalhos selecionados na categoria - um deles com menção honrosa dada pelo júri - enquadravam-se na expectativa criada pelo regulamento do salão de humor, ou seja, moldadas no formato horizontal, composto por uma faixa

de quadrinhos. Duas observações podem ser feitas a partir dessa exposição: ou o júri de premiação não seguiu à risca o regulamento ou os selecionadores já trabalham com outra concepção do que seja o molde de uma tira cômica. Entendemos ser o segundo caso.



Figura 1 - Um dos trabalhos de Orlandeli vencedores da categoria tiras do Salão Internacional de Humor de Piracicaba de 2008.

Já existem exemplos suficientes nos suportes impresso e virtual que justificam uma releitura do formato da tira, principalmente a cômica, a mais popular e difundida no Brasil. Que ela tenha um tamanho horizontal fixo e que traga um desfecho de humor ainda é a acepção mais corrente do gênero, inclusive no meio acadêmico. A questão das dimensões físicas, no entanto, precisa ser revista. Ou ampliada, como defendemos neste artigo.

Constituição do formato

O pensador russo Mikhail Bakhtin define gênero como um "tipo relativamente estável de enunciados", construído

pelos indivíduos em situações de interação comunicativa (2000 [1953], p. 279). A definição é um dos pontos convergentes entre as diferentes teorias dos gêneros discutidas na área da Linguística voltado aos estudos do texto e do discurso.

De início, a preocupação de quem se apropriou do tema parecia estar no lado estável dos gêneros. Mas, como alertam autores como Marcuschi, trata-se de uma estabilidade relativa, posto que os gêneros "variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se" (2005, p. 18). O contexto de produção, os interlocutores do processo comunicativo ou o suporte são elementos que podem interferir no modo como o

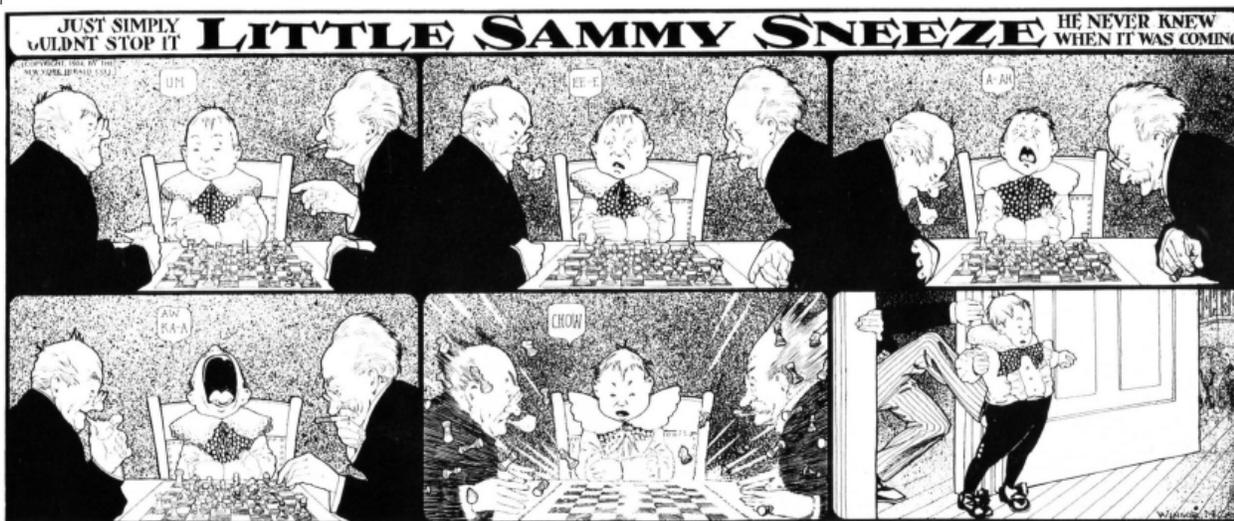
gênero é concebido por quem o produz e recebido pela pessoa que o lê/ouve.

Um exemplo concreto da instabilidade na construção dos gêneros ocorreu no século 19 e, principalmente, no início do 20. Buscava-se, na época, um norte para o que seriam as histórias em quadrinhos, forma de linguagem que ainda engatinhava. Nos Estados Unidos, país que protagonizou esse processo de consolidação comercial das histórias em quadrinhos, dife-

rentes formatos foram experimentados, sempre nos jornais, suporte que inicialmente abrigava tais narrativas. O espaço físico da tira foi uma dessas experimentações.

Algumas das histórias pioneiras possuíam tamanhos diferenciados. Um deles era o equivalente ao espaço de duas tiras. Um caso assim é o do personagem *Little Sammy Sneeze*, feito por Winsor McCay. O garoto sempre espirrava nas piores horas. A história a seguir foi publicada em 1904:

Figura 2 - Tira cômica de Winsor McCay, publicada nos Estados Unidos em 1904.



A consolidação de uma cara própria para a tira ocorreu com *A. Piker Clerk*, de Clare Briggs, publicada entre dezembro de 1903 e maio do ano seguinte (HOLTZ, 2007), e, principalmente, com *A. Mutt*, de 1907, depois rebatizada de *Mutt & Jeff*, de Bud Fisher. *Mutt & Jeff* figura entre as pioneiras no uso do sistema de distribuição de material a outros jornais, chamado de *syndication*. A ideia era

reproduzir o mesmo produto a diferentes periódicos norte-americanos.

Para que o processo pudesse ser feito dentro da agilidade da dinâmica do fechamento diário das edições, havia a necessidade de uma padronização do tamanho das histórias. Assim, a página onde a narrativa de humor iria aparecer poderia ser diagramada previamente, bastando apenas encaixar a história no tamanho estipulado.

tal qual a conhecemos hoje. Relativa porque se experimentavam moldes e modos de produção tanto no processo de criação quanto no de recepção. Estável porque alguns deles convergiram para um ponto único nos anos e nas décadas seguintes, como a tira.

Mesmo assim, postulávamos, em outro trabalho teórico, que se tratava de tendência de regularidade do molde da tira: "a tendência é que o formato seja horizontal, equivalente ao de uma ou duas tiras" (RAMOS, 2011, p. 106). A cautela se dava por, já naquela ocasião, identificarmos a existência de formatos maiores, equivalentes ao espaço de duas tiras, como a premiada no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, e no fato de algumas revistas publicarem as tiras em faixas verticais, e não horizontais.

Vale reprisar aqui as mesmas premissas que pautaram aquele estudo, mais direcionado à composição das tiras cômicas:

o gênero não é dado automaticamente, mas construído no processo de interação sociocognitiva. Partimos, então, dos textos como são produzidos e da forma como são vistos na prática e na teoria para formular um possível quadro de análise do assunto, de modo a entender o que

é e como funciona. (RAMOS, 2011, p. 106)

Embora se referisse à constituição do gênero tira cômica, o método vale também para o formato das tiras. Observa-se como são produzidas e, partir dessa constatação, parte-se para a análise científica dos dados.

Pontos de fuga do formato: revistas

O formato horizontal, curto e fixo da tira foi o que consolidou seus diferentes gêneros e as tornou conhecidas em diferentes países. Produzia-se a mesma história, num mesmo espaço físico, para mais de um jornal. Apesar das características comuns dominarem, houve no Brasil diferentes casos de fuga da estabilidade, a depender do suporte utilizado. No impresso, parece-nos que dois casos são mais evidentes: o visto nas revistas e o registrado em alguns jornais.

As revistas em quadrinhos brasileiras, em particular as infantis, costumam há décadas encerrar a edição com uma tira cômica. A diferença é que a história é apresentada no formato vertical, e não no costumeiro molde horizontal. A narrativa tende a ocupar metade da página final e divide o espaço com os créditos da editora que produziu a publicação. O recurso foi e ainda é

utilizado nas revistas da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa.

Em alguns casos, a editora opta por acrescentar um título com o nome do personagem central e, no fim do último quadrinho, uma legenda com a palavra "fim", para aproximar a tira da estrutura das demais histórias em quadrinhos contidas na revista. É como visto no exemplo da Figura 5, de *Cebolinha*. Apesar de o formato fugir do convencional, as características da tira cômica se mantêm: texto tendencialmente curto, com um desfecho inesperado, tal qual a piada.

Há também situações de revistas em quadrinhos que rearranjam o formato da tira para que ela possa ou compor melhor a página ou então assemelhar a história a uma narrativa mais longa. Nesta última



Figura 5 - Exemplo de tira publicada na forma vertical.

situação, é comum inserir-se título. É o que se viu na página 12 da revista *Recruta Zero*, lançada em setembro de 2013. Tiras das séries norte-americanas *Recruta Zero* e *Hagar*, o *Horrível* foram modificadas para supostamente comporem melhor a diagramação, como mostra a figura a seguir:



Figura 6 - Tiras adaptadas para comporem página da revista *Recruta Zero*

As duas tiras passaram a ter dois blocos de quadrinhos cada uma, ocupando, assim, o dobro do espaço. Para aproximar o conteúdo a uma história tradicional do suporte revista, a primeira ganhou um título, "Questão de posicionamento", e teve a personagem central dessa narrativa, a secretária *Dona Tetê*, alçada a protagonista da série criada por Mort Walker - o corrente é a série receber o nome do real protagonista, *Recruta Zero*. No desfecho, insere-se a palavra "fim", outra marca de histórias publicadas em revistas em quadrinhos.

A palavra "fim" encerra também a segunda tira, do personagem *Hagar*. Assim como a anterior, esta também passou por um ajuste para compor a página, ganhando "dois andares" de quadrinhos, por assim dizer. Nos dois casos, no entanto, permaneceram as marcas centrais do gênero tira cômica, ou seja, o desfecho inesperado, fonte do humor. Alteraram-se apenas os formatos. Em outros termos: apesar do rearranjo, manteve-se a estrutura básica do gênero.

Pontos de fuga do formato: jornais

Outras situações de fuga do formato convencional vêm sendo utilizadas por alguns jornais brasileiros pelo menos desde a década de 1990. São histórias que ocupam o tamanho de duas tiras, como a vista no primeiro exemplo deste capítulo (Figura 1). É um molde fixo, que fica no meio termo entre a tira e a página. Tende a funcionar, no entanto, como uma tira.

O recurso foi usado mais de uma vez pelo jornal *Folha de S. Paulo* no suplemento infantil *Folhinha*. O caderno trouxe histórias de *Ozzy*, *Geraldinho* e *Suriá*, personagens voltados ao leitor mais jovem. As narrativas eram criadas na época por três dois autores de tiras do jornal: Angeli, Glauco e Laerte, respectivamente. O tamanho, como se pode ver no exemplo a seguir, parece-se muito com o trabalho premiado em 2008 no Salão Internacional de Humor de Piracicaba mencionada anteriormente:



Figura 7 - Tira de *Ozzy*, personagem infantil criado por Angeli.

O formato maior ainda tem sido usado pela Folha de S. Paulo. Em 2014, as três séries da *Folhinha* - criadas por Laerte, Adão Iturrusgarai e Pedro Cobiaco - apropriavam-se desse molde narrativo. Não raras vezes, os autores, em particular Laerte, criavam histórias com três blocos de quadrinhos, condensados no mesmo espaço fixo semanal. A série de Laerte, *Lola, a Andorinha*, é farta de exemplos assim:



Figuras 8 e 9 - Tiras de Lola, a Andorinha, produzida com três blocos de quadrinhos.

O periódico paulista passou a veicular - inicialmente aos domingos, no meio de 2009 mudou para os sábados - uma série feita pelos irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon, vencedores de diferentes premiações de quadrinhos nos Estados Unidos, mercado onde também atuam. O formato, uma vez mais, era o equivalente a duas tiras

tradicionais. Com a diferença de que, desta vez, as histórias foram impressas na *Ilustrada*, nome do caderno de cultura do diário.

A série da dupla se chamou *Quase Nada* e não se pautava na criação de uma piada ao final. Bá explicou a escolha do nome em um texto postado no blog que ambos mantêm no portal UOL:

Nossas tiras não contam piadas, não contam histórias, são só relances, detalhes e recortes. Sempre quisemos mostrar que é possível tratar de quase tudo em Quadrinhos, mas pode parecer que nas nossas tiras falam de Quase Nada. Foi mais ou menos assim que surgiu o título. (BÁ, 2009)

No mesmo texto, ele disse que a escolha do for-

mato se deu pela necessidade de ajustar a história à narrativa que ele e o irmão normalmente estavam habituados a fazer. Segundo Bá, o espaço de três ou quatro quadros era insuficiente para o que os dois tinham em mente.

Embora não seja uma tira cômica, a produção deles não deixa de ser uma tira, levada a um público amplo por conta da ampla difusão da *Folha de S. Paulo*.

Figura 10 - Tira da série Quase Nada, de Gabriel Bá e Fábio Moon.



Processo semelhante ocorreu com o jornal *O Estado de S. Paulo*, durante uma curta experiência em publicar tiras semanais de Lourenço Mutarelli e Marcello Quintanilha. Eram

trabalhos mais autorais, sem um compromisso com o tom humorístico da maioria das séries publicadas pelo diário paulista. Diferenciavam-se também no tamanho, equivalente ao de duas tiras.



Figuras 11 e 12 - Tiras em formato maior, de Lourenço Mutarelli e Marcello Quintanilha

No Rio de Janeiro, o também produzida no tamanho jornal *O Globo* abriu espaço equivalente ao de duas tiras. As histórias são veiculadas uma vez por semana.

VALENTE

Vitor Cafaggi



Figura 13 - Valente, de Vitor Cafaggi, publicada em *O Globo*

Houve casos, mais raros, é verdade, de séries que tiveram o formato alterado ao longo de sua publicação. Foi o que ocorreu com *Gatão de Meia Idade*, criada por Miguel Paiva. A tira cômica cresceu de tamanho após migrar para um outro espaço do jornal carioca *O Globo*, uma vez mais citado aqui. Passou a ser publicada no primeiro caderno - e não mais no de cultura -, logo abaixo da coluna do jornalista Ancelmo Góes, conhecido por trazer notas sobre o mundo social e político brasileiro. A mudança interna permitiu a ele ter mais espaço para produzir a história.

O solteirão *Gatão de Meia Idade* foi "enquadrado", como diz Paiva. O rótulo se justifica porque a série ganhou o formato físico de um quadrado. Nas palavras do autor, isso exigiu rever o processo de produção:

O formato quadrado me enquadrrou, confesso. Tive que adaptar a linguagem e convencer o personagem de que o espaço era mais elegante e moderno. Acabou que nos habituamos ao quadrado e hoje aprendemos que quem faz o espaço é a nossa imaginação. (PAIVA, 2008, p. 5).



Figura 14 - Tira de *Gatão de Meia-Idade* formato tradicional...



Figura 15 - ... e na fase enquadrada, como diz o criador da série, Miguel Paiva.

Há outros casos de formatos maiores que podem ser citados, como o de *Cabeça Oca*, de Christie Queiroz, publicadas em jornais de diferentes estados do país no tamanho equivalente ao de duas tiras, ou as séries *Amely*, de Pryscilla Vieira, e *O Pintinho*, de Alexandra Moraes, publicadas semanalmente na *Folha de S. Paulo* no formato vertical, algo raríssimo de se ver nos impressos jornalísticos. Merece registro ainda que, na Argentina, o jornal *La Nacion* já mescla os dois formatos na página final, dedicada a humor gráfico. Das quatro tiras cômicas da publicação portenha, duas têm o tamanho equivalente a duas tiras. Uma delas, do gato bagunceiro *Gaturro*, de

Nik, teve duas coletâneas lançadas no Brasil em 2008 pela editora V&R.

Nos Estados Unidos, houve também ensaios de um experimentalismo no tocante ao espaço limitado da tira, como se fosse uma espécie de fuga de uma camisa de força. Uma delas, *Maakies*, do norte-americano Tony Millionaire (2007), tem como marca a condução de duas narrativas simultâneas no mesmo espaço da tira. Na parte de cima, com maior destaque, estaria a principal, com os personagens corriqueiros. Na parte de baixo, em tamanho menor, cria uma outra piadinha, ora com personagens novos, ora com os protagonistas politicamente da série - o macaco *Tio Gabby* e o pássaro beberrão *Drinky Crow*.

Como se observa, a questão do formato fixo, retangular e composto por uma sequência linear de quadrinhos, precisa ser reavaliada, dado o contexto atual de produção. Há casos concretos, como os vistos, que registram um alargamento no tamanho da tira nos suportes impressos. Mas o conteúdo, a maior parte composto por tiras cômicas, continua obedecendo às características essenciais do gênero, que são produzir uma narrativa tendencialmente curta, com desfecho inesperado, que leva ao efeito de humor.

O fato de ser veiculada com dimensões maiores nos jornais ajuda a familiarizar o molde em quem a lê, criando uma expectativa de que o gênero abarca também tais dimensões ampliadas. Nos sites e blogs, que circulam em outros tipos de suporte, também é possível perceber ecos desse comportamento.

Pontos de fuga do formato: mídias virtuais

Na leitura de Luiz Antônio Marcuschi, o suporte é essencial para a circulação dos gêneros na sociedade. Seguindo o raciocínio do autor, torna-se elemento importante para a compreensão do gênero num contexto sociocognitivo interacional. Nas palavras dele,

Entendemos aqui como suporte de um gênero

um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 174)

Para o linguista, tal definição se resume em três aspectos: 1) suporte é um lugar; 2) formato específico; 3) serve para fixar e mostrar o texto. Reavaliando essa leitura feita por Marcuschi, Bonini vai redefinir suporte como sendo o

elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação que intervém na concretização dos três aspectos catalizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção). (BONINI, 2011, p. 688)

Intuitivamente, tais aspectos já foram identificados na discussão sobre a veiculação impressa das tiras, ora nos jornais, ora nas revistas. Mas resta ainda identificar como se processam essas questões referentes ao formato das tiras nos suportes virtuais, que tra-

zem diferentes e contínuas inovações tecnológicas.

O fato de ser imaginada para ser impressa na página de um jornal não impede que a mesma história seja (re)utilizada na tela de um computador, outro suporte, portanto. O recurso, aliás, tem se tornado comum, principalmente em blogs e sites de autores. É uma outra janela de exposição dos trabalhos a um público potencialmente maior.

A ida para o meio virtual não faz com que necessariamente deixe de ser e de funcionar como tira cômica, gênero que parece ser o predominante nos suportes virtuais. A leitura e o desfecho inesperado ao final mantêm a estabilidade genérica, tal qual ocorre no meio impresso. A não ser que a história seja recriada, como ocorreu com algumas

tiras de *As Cobras*, de Luis Fernando Verissimo.

O material ganhou recursos de animação quando veiculado em 2009 no *Terra Magazine*, revista mantida pelo portal Terra. A página virtual, depois, manteve a estrutura tradicional, como a feita para o papel.

A mudança de suporte, inicialmente, pareceu manter o formato tradicional impresso. Mas, com a popularização dos blogs, sites e redes sociais, os autores pareceram perceber que as mídias virtuais permitiam fugir da camisa de força do espaço rígido do impresso. Embora exista uma tendência de encontrar tiras compostas por uma faixa horizontal, há registros dos mais variáveis no tocante ao formato, como comprovam os exemplos a seguir, extraídos de diferentes páginas:

Figura 16 - Tira no formato tradicional, da série *Overdose Homeopática*, de Marco Oliveira.

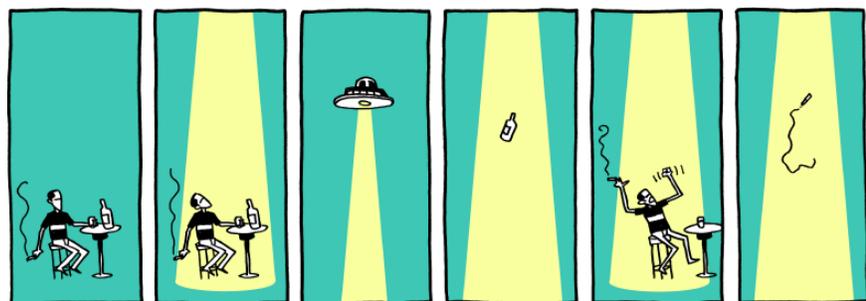


Figura 17 - Tira em dois andares de *Um Sábado Qualquer*, série criada por Carlos Ruas.



GRUMP

ORLANDELI



ORLANDELI: www.ultimaquimera.com.br

Figura 18 - Tira de Grump, de Orlandeli, adaptada para duas faixas de quadrinhos.

Com o formato tradi-conal (Figura 16), com o de tiras duplas (Figura 17) ou com o formato adaptado (Figura 18), vê-se que são casos de tiras cômicas, com a corriqueira piada no final. Mudou-se apenas o molde físico de veiculação. A liberdade que o autor tem na internet permite a ele, inclusive, mesclar formatos para uma mesma série. Vejamos nos exemplos a seguir, extraídos da série *Suporte*:



vidadesuporte.com.br

Figura 19 - Tira de Suporte no formato quadrado.



Figura 20 - Exemplo da série Suporte produzido em formato maior.

Embora produzidas em tamanho diferentes, as duas histórias foram rotuladas aos leitores do site como sendo "tirinhas". Na parte debaixo das duas histórias, apresentavam-se aos internautas possibilidades de compra daquele conteúdo em outros suportes: "compre essa tirinha em uma CANECA!"; "compre essa tirinha em um MOUSEPAD!". Em outros termos, autor trabalha com a ideia de que, independentemente do formato, trata-se de um caso de

tira. A mesma ideia é exposta ao leitor, receptor daquele conteúdo. Constrói-se, assim, uma relação interacional, mediada por um texto que, para os dois extremos do processo comunicacional, é visto como tira.

Há e vai haver outros exemplos de inovação no processo de criação de tiras no meio virtual. Foi algo inicialmente tateado pelos desenhistas, então ancorados nos moldes mais conhecidos, mas que cria rumo

próprio e se descola das amarras do formato impresso. Parece ser um processo semelhante ao que ocorreu com a consolidação do gênero nas décadas iniciais do século 20 nos Estados Unidos.

Reverendo o formato da tira

Há, como defende Bakhtin, um equilíbrio de forças no processo de construção do gênero. Há características convergentes ladeadas por outras, divergentes. Por isso, entende que sejam tipos relativamente estáveis de enunciado. Há estabilidade, mas relativa, princípio que pode ser aplicado também para o formato. Essa conjunção de fatores foi vista nos primeiros trabalhos em quadrinhos, quando ainda havia ensaios do que seria a nova linguagem. Alguns formatos ganharam corpo e se consolidaram, entre os quais se destaca o da tira.

O processo de fixação das dimensões físicas da tira, como pudemos ver, também não foi homogêneo. Tiras duplas, em tamanho maior, eram vistas já nos anos iniciais do século 20 nos Estados Unidos. As décadas seguintes também foram pautadas por pontos de fuga da estabilidade, como as tiras em formato vertical e adaptadas das revistas infantis ou com espaço dobrado nos jornais.

A entrada dos quadrinhos nos suportes virtuais também ajudou a acentuar a percepção de um formato maior para as tiras cômicas. Com o diferencial de que a tela do computador, do tablet ou do celular permite uma liberdade criativa maior, podendo o desenhista extrapolar as amarras físicas impostas no meio impresso.

Parece haver neste século 21 sinais do mesmo experimentalismo presenciado um século antes. A internet, sem dúvida, tem contribuído muito nesse sentido, embora haja ainda registros dos formatos convencionais da tira nos sites e blogs brasileiros. Mesmo assim, já existem casos suficientes, tanto nos meios impressos como virtuais, para autorizar uma definição que encampe um alargamento na dimensão física da tira.

Ela - a tira - permanece sendo um texto tendencialmente curto. No caso das cômicas, gênero ainda majoritário no país, continua aparecendo com desfecho inesperado, tal qual uma piada, com personagens fixos ou não. Por isso, a alteração de formato não está necessariamente ligada a um novo gênero. Mas não é, fato, necessariamente produzida no formato horizontal de apenas uma tira. Pode também apresentar um tamanho maior, equivalente

ao de duas tiras, sendo quadrado ou retangular. Ou ser produzida na forma vertical, como tem ocorrido no suporte revista.

É o que se pode inferir a partir da leitura de tiras cômicas nacionais produzidas na década final do século 20 e no começo deste século. Os novos formatos já configuram uma estabilidade dentro da instabilidade.

Referências bibliográficas

ANGELI. Ozzy: Tírex e mais cambada de bichos de estimação. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Vol. 2.

BÁ, Gabriel. Procurando quase nada. In: *10 Pãezinhos*. Postado em 8 de maio de 2009. Disponível em: http://10paezinhos.blog.uol.com.br/arch2009-05-01_2009-05-31.html Acesso: 3 jun. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BONINI, Adair. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf> Acesso em: 3 jun. 2014.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FISHER, Bud. *The early years of Mutt & Jeff*. New York: NMB, 2007.

GUIRAL, Antoni. *Del tebeo al manga: una historia de los cómics*. 1. Los cómics en la prensa diaria: humor y aventuras. Barcelona: Panini, 2007.

HOLTZ, Allan. Mutt, Jeff and Bud: the trio who revolutionized comics. In: FISHER, Bud. *The early years of Mutt & Jeff*. New York: NMB, 2007. p. 5-16.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALHÃES, Henrique. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. Palmas/União da Vitória: Kayganguê, 2005. p. 17-33.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e*

- compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MCCAY, Winsor. *Winsor McCay: early works*. Estados Unidos: Checker Book Publishing Group, s. d. Vol 1.
- MILLIONAIRE, Tony. *Maakies*. Campinas: Zarabatana, 2007. Vol. 1.
- NIK. *Gaturro*. São Paulo: V&R, 2008. Vol. 1.
- OLIVEIRA, Marco. *Overdose homeopática*. Disponível em: <http://www.overdosehomeopatica.com/>
Acesso em: 3 jun. 2014.
- ORLANDELI, Walmir América. *Última Quimera*. Disponível em: <http://ultimaquimera.com.br/>
Acesso em: 3 jun. 2014.
- PAIVA, Miguel. *Gatão de Meia-Idade: primeiras tiras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- _____. *Gatão de Meia-Idade: enquadramento*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*.
- Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.
- _____. *A leitura dos quadrinhos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- REGULAMENTO do 35° Salão Internacional de Humor de Piracicaba. In: *Fabricarica*. Disponível em: <http://fabricarica.2it.com.br/uploada/d0yteolvo para regulamento2008.pdf>
. Acesso: 2 jun. 2014.
- RUAS, Carlos. *Um sábado qualquer*. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/>
Acesso em: 3 jun. 2014.
- SOUSA, Mauricio. *Cebolinha*. São Paulo: Panini, abril de 2009. n. 28.
- 35° Salão Internacional de Humor de Piracicaba*. São Paulo; Piracicaba: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Histórico Geográfico de Piracicaba, 2008.
- Vida de Suporte. Disponível em: <http://vidadesuporte.com.br/>
Acesso em: 3 jun. 2014.
- WALKER, Mort. *Recruta Zero*. Rio de Janeiro: Pixel, set. 2013. n. 10. 🗨️